

Joseph Roth

**A CRIPTA
DOS
CAPUCHINHOS**

«Roth é um mestre a criar
e a contar histórias. Maravilhoso.»

A. S. Byatt



cavalo de ferro

Chamamo-nos Trotta. A nossa estirpe é originária de Šipolje, na Eslovénia. Digo «estirpe» porque deixámos de ser uma família. Šipolje deixou de existir há muito tempo: foi assimilada para, juntamente com outras comunidades próximas, formar uma povoação maior. Como todos sabemos, esta é a tendência actual. As pessoas não conseguem viver isoladas e, por causa disso, acabam por formar grupos absurdos. Os camponeses querem, a todo o custo, ir para as cidades e, de modo análogo, as próprias vilas ambicionam converterem-se em cidades.

Lembro-me de ter visitado Šipolje quando ainda era criança. O meu pai pegou em mim e visitámo-la num 17 de Agosto, véspera do dia em que, por todo o país, mesmo nos lugarejos mais pequenos, se costumava celebrar o nascimento do Imperador Francisco José I.

Na Áustria moderna, bem como nos antigos territórios da Coroa, apenas para muito poucas pessoas o nosso nome significará alguma coisa. É um nome que consta dos desaparecidos anais do antigo exército austro-húngaro e, devo confessá-lo, este facto deixa-me orgulhoso, precisamente porque os anais se perderam.

Não sou um filho deste tempo. Diria até que me é difícil não me declarar seu inimigo, mas não porque o considero incompreensível, como costumo dar a entender, recorrendo a uma desculpa habitual; na verdade, por uma questão de comodismo, não quero ser desagradável ou agressivo, e, portanto, digo que não compreendo determinada coisa quando devia dizer que a odeio ou desprezo. A minha audição é muito apurada, mas finjo ser um pouco surdo, porque me parece melhor simular este defeito do que admitir ter ouvido vulgaridades.

O irmão do meu avô foi o modesto tenente de infantaria que salvou a vida do Imperador Francisco José na batalha de Solferino.

Agraciaram-no com um título nobiliário e, durante muito tempo, no seio do exército e nos compêndios da monarquia imperial e real, foi conhecido como «o herói de Solferino», até a sombra do esquecimento ter caído sobre ele, de acordo com os seus próprios desejos. Morreu e está enterrado em Hietzing. Na sua lápide estão inscritas estas palavras simples e orgulhosas: «Aqui jaz o herói de Solferino.»

O favor e a graça imperial foram também estendidos ao filho, que se tornou capitão distrital, e ao neto, que morreu no Outono de 1914 na batalha de Krasne-Busk, sendo então tenente de uma unidade de Caçadores. Não o cheguei a conhecer, tal como nunca conheci ninguém do ramo enobrecido da nossa estirpe. Os Trotta nobres eram leais servidores de Francisco José. O meu pai, pelo contrário, era um rebelde.

Um rebelde e um patriota, daqueles que só existiram na antiga Áustria-Hungria. O meu pai, entendendo demasiado bem a monarquia dual, queria reformar o Império e salvar os Habsburgo, o que o tornou alvo de suspeitas e o obrigou a fugir. Ainda muito jovem, emigrou para a América e, mais tarde, veio a ser engenheiro químico. Naquela altura, os indivíduos como ele eram necessários nas fábricas de tintas e corantes de Nova Iorque e de Chicago. Durante o período inicial de pobreza, ao pensar no seu país, sentia apenas uma certa nostalgia dos campos de cereais. No entanto, depois de construir a sua fortuna, começou a ter saudades da Áustria e decidiu regressar, estabelecendo-se em Viena. Como tinha dinheiro e a polícia austríaca gostava de pessoas com dinheiro, foi deixado em paz. Pôde assim formar um novo partido esloveno e comprar dois jornais em Agram.¹

Fez alguns amigos muito influentes que pertenciam ao círculo do herdeiro do trono, o arquiduque Franz Ferdinand. O meu pai sonhava com um reino eslavo sob o comando soberano dos Habsburgo. Sonhava com uma monarquia de austríacos, húngaros e eslavos. Talvez me seja legítimo imaginar que, caso tivesse vivido mais tempo, teria sido capaz de alterar o rumo da História. Infelizmente, morreu cerca de ano e meio antes do assassinato do

¹ Nome utilizado para designar a cidade de Zagreb durante o Império Austro-Húngaro. [N. T.]

arquiduque. Sou o único filho que deixou. No seu testamento, legou-me também as suas ideias. E não foi em vão que me baptizou com o nome de Franz Ferdinand. Mas, naquele tempo, eu era jovem e insensato, para não dizer frívolo. Era, sem dúvida, dado ao superficial e vivia intensamente cada dia, ou melhor, cada noite, pois os dias eram passados a dormir.

II

Certa manhã do mês de Abril de 1914, tendo eu regressado a casa há apenas uma ou duas horas, pelo que ainda estava um pouco zonzo, anunciaram-me a visita de um primo, de um Sr. Trotta.

De roupão e pantufas, dirigi-me ao vestibulo. As janelas estavam abertas. Os melros madrugadores gorjeavam no nosso jardim. O sol entrava radiante pela sala. A nossa criada, com quem jamais me cruzara tão cedo, parecia-me uma estranha no seu avental azul – só a conhecia na sua formal encarnação nocturna, com tons dourados, pretos e brancos, quase como uma bandeira humana. Era a primeira vez que a via de uniforme azul-escuro, semelhante aos dos mecânicos e dos homens do gás, segurando um espanador roxo na mão, e só esta visão teria sido suficiente para me dar uma ideia completamente nova e pouco familiar sobre a vida. Pela primeira vez em muitos anos, contemplava a manhã em minha casa e dava-me conta de como era bela. Alegrou-me ver a jovem, as janelas abertas, o sol. Fiquei agradoado com o canto dos melros. Tudo era dourado como o sol matinal – até mesmo, de algum modo, a jovem no seu uniforme azul. Deslumbrado por tantos tons dourados, não reparei imediatamente na visita que me aguardava. Passaram-se alguns segundos, talvez minutos, até que dei pela presença de um homem magro, moreno e mudo, sentado na única cadeira que havia no nosso vestibulo. Permaneceu imperturbado pela minha entrada. Apesar de ter cabelo e bigode escuros, além da pele morena, também ele, coberto pelo ouro matutino do vestibulo, parecia um pedaço de sol, ainda que, neste caso, de um sol distante e oriundo do Sul. À primeira vista, fez-me lembrar o meu falecido pai. Também este era esguio, ossudo e moreno, como um verdadeiro filho do Sol, ao contrário de nós, que mais parecemos os seus enteados louros. Como o meu pai me ensinou

a falar esloveno, saudei o meu primo Trotta na sua língua nativa, algo que não o surpreendeu. Sem se levantar, estendeu-me a mão e sorriu. Os seus dentes fortes brilharam sob o bigode negro-azulado. Quando me dirigiu a palavra, tratando-me por «tu», senti que, em vez de meu primo, era meu irmão. Começou por me transmitir que o notário lhe dera a minha morada, e depois prosseguiu:

– O teu pai deixou-me dois mil florins, no testamento, e eu vim buscá-los. Não queria deixar de aproveitar a circunstância para te agradecer, uma vez que amanhã regressarei a casa. Tenho uma irmã em idade de se casar e, agora, com um dote de quinhentos florins, suscitará certamente o interesse do agricultor mais rico de Šipolje.

– E o resto? – perguntei.

– É para mim – respondeu, esboçando um sorriso jovial.

Nesse momento, tive a impressão de que a luminosidade do sol aumentava ainda mais no nosso vestíbulo.

– Que vais fazer com o dinheiro?

– Vou investi-lo no meu negócio – explicou.

E, como se só então lhe tivesse parecido oportuno dizer o seu nome, levantou-se da cadeira numa postura confiante e, com uma solenidade enternecedora, apresentou-se:

– Chamo-me Joseph Branco.

De repente, dei-me conta de que estava de roupão e pantufas diante da minha visita. Pedi-lhe que esperasse um pouco e voltei ao meu quarto para me vestir.

III

Não passariam das sete da manhã quando chegámos ao Café Magerl. Os primeiros jovens entregadores da padaria tinham acabado de entrar, brancos como a neve, envoltos num perfume de pãezinhos crocantes, pães com sementes de papoila e palitos salgados. O café acabado de tostar, aromático e virginal, cheirava a uma segunda manhã dentro da primeira. O meu primo Joseph Branco encontrava-se sentado à minha frente, moreno e sulista, bem-disposto e desperto, numa figura em tudo sadia. A minha fadiga e palidez, por outro lado, faziam-me sentir envergonhado. Além disso, crescia em mim um certo desconforto. De que poderíamos nós falar? Fiquei ainda mais incomodado quando ele me disse:

– Não bebo café pela manhã. Prefiro uma sopa.

Esta opção, evidentemente, não devia ter sido uma surpresa. Em Šipolje, os camponeses começavam o dia a comer sopa de batata.

E, portanto, pedi para ele uma sopa de batata, que demorou muito a chegar. Enquanto aguardávamos, entretive-me a molhar timidamente o meu *croissant* no café. Quando finalmente lhe trouxeram uma tigela cheia e fumegante, o meu primo Joseph Branco ignorou a existência da colher e, com as mãos morenas, repletas de pêlos negros, levou a tigela à boca. Enquanto sorvia a sopa, parecia ter-se esquecido de mim, concentrado por inteiro na tigela fumegante, apoiada na ponta dos dedos fortes e magros. Tinha o aspecto de um homem cujo apetite é um estado tão distinto que dispensa o uso de uma colher, sendo mais nobre comer directamente da tigela. Na verdade, ao observá-lo a comer a sopa daquele modo, quase estranhei o facto de os seres humanos se terem dado ao trabalho de inventar algo tão ridículo como uma colher. O meu primo pousou a tigela e eu pude ver que esta ficara tão vazia e limpa como se a tivessem acabado de lavar.

– Esta tarde vou buscar o dinheiro – disse ele.

– Que tipo de negócio é esse em que o irás investir?

– Oh – respondeu –, é um negócio muito pequeno, mas suficiente para manter um homem bem alimentado durante o Inverno.

Soube assim que, durante a Primavera, o Verão e o Outono, o meu primo Joseph Branco se dedicava à agricultura, cultivando os seus campos, e, durante o Inverno, trabalhava como vendedor de castanhas. Tinha uma pele de ovelha, uma mula, uma pequena carroça, uma panela e cinco sacas para as suas castanhas. Com este equipamento, percorria todos os anos alguns dos territórios da Coroa, no início de Novembro. Se calhasse gostar de algum sítio em particular, deixava-se aí ficar o Inverno inteiro, até à chegada das cegonhas. Depois, atava as sacas vazias à mula e dirigia-se à estação de comboios mais próxima. Deixava a mula no vagão dos animais, entrava no comboio e regressava a casa para retomar os trabalhos de agricultor.

Perguntei-lhe como seria possível expandir um negócio tão pequeno e ele respondeu-me que existiam várias hipóteses. Podia, por exemplo, não só vender castanhas, mas também maçãs e batatas assadas. Além do mais, a mula estava a ficar velha e fraca, pelo que poderia comprar uma nova. Já tinha juntado algumas centenas de coroas para o efeito.

O meu primo envergava um casaco de cetim brilhante e um colete de veludo florido com botões de vidro de várias cores. Do pescoço, pendia-lhe uma pesada corrente de relógio de ouro trançado. E eu, que tinha sido educado pelo meu pai a amar os eslavos do nosso reino e que, portanto, tendia a ver um símbolo em cada objecto folclórico, enamorei-me imediatamente da corrente. Desejava-a para mim e, nesse sentido, perguntei ao meu primo quanto custava ela.

– Não sei – disse. – Recebi-a do meu pai, que a recebeu do seu pai. Não se pode comprar uma igual. Mas, como és meu primo, terei todo o gosto em vender-ta.

– Quanto queres por ela? – perguntei, recordando nesse instante os ensinamentos do meu pai: os camponeses eslovenos são demasiado nobres para pensar em dinheiro e preços.

O meu primo Joseph Branco ficou pensativo durante alguns momentos e, por fim, disse:

– Vinte e três coroas.

Não me atrevi a perguntar-lhe como chegara àquele valor tão específico. Dei-lhe vinte e cinco e ele contou-as com atenção, mas sem me devolver as duas de troco. Tirou da algibeira das calças um grande lenço aos quadrados vermelhos e azuis e embrulhou o dinheiro. Só então, após atar o lenço com dois nós, retirou o relógio do bolso do colete e o colocou, com a corrente a que estava preso, sobre a mesa. Era um relógio de prata, pesado e antiquado, com uma pequena chave para lhe dar corda. O meu primo pareceu um pouco relutante em separar o relógio da corrente, demorou-se a olhar para ele, quase com ternura, e depois disse:

– Bem, como és meu primo, se me deres mais três coroas, vendo-te também o relógio.

Dei-lhe uma moeda de cinco coroas, e ele, mais uma vez, não me devolveu o troco. Voltou a retirar o lenço, desfez os nós, juntou a nova moeda ao resto do dinheiro, enfiou o lenço na algibeira das calças e ficou a olhar para mim com um olhar cândido.

– Também gosto do teu colete – disse eu ao fim de alguns segundos. – Gostaria igualmente de o comprar.

– Por seres meu primo – respondeu –, também te venderei o colete.

E, sem hesitar, tirou o casaco, despiu o colete e passou-mo sobre a mesa.

– O tecido é excelente – disse Joseph Branco – e os botões são muito bonitos. Como é para ti, só pedirei duas coroas e meia.

Dei-lhe três coroas e vi claramente nos seus olhos a decepção de não ser outra moeda de cinco. Aparentemente insatisfeito, deixou de sorrir, mas acabou por guardar a moeda, recorrendo ao mesmo processo cuidadoso e elaborado que utilizara para as anteriores.

No meu entender, adquirira três importantes objectos, característicos de um verdadeiro esloveno: uma velha corrente de relógio, um colete com cores brilhantes e um relógio de bolso, pesado como uma pedra, com uma chavezita para lhe dar corda. Sem esperar mais, recolhi as três coisas, guardei-as, paguei a conta e chamei um fiacre para acompanhar o meu primo ao hotel em que estava hospedado, o Grünen Jägerhorn. Pedi-lhe que esperasse por mim nessa noite, pois viria buscá-lo. Surgira-me a ideia de o apresentar aos meus amigos.

IV

Por simples formalidade, mas também para tranquilizar a minha ansiosa mãe, tinha decidido matricular-me no curso de Direito. Na realidade, porém, não estudava nada. Perante mim, a vida abria-se como uma imensa pradaria cheia de cor, apenas limitada por uma muito distante linha do horizonte. Vivia no círculo alegre e despreocupado dos jovens aristocratas, classe que, a par da dos artistas, era a que mais me agradava no antigo Império. Partilhava com eles uma frivolidade céptica, uma petulância melancólica, uma negligência pecaminosa, uma altivez perante a decadência – tudo sinais do fim cuja proximidade éramos incapazes de ver. Sobre as taças pelas quais bebíamos em excesso, a morte cruzava já as suas mãos ossudas. Com alegria, dizíamos mal de tudo e, sem qualquer reflexão, repetíamos blasfémias. Só e idoso, quase petrificado no seu afastamento, mas ainda com uma presença sentida à nossa volta e por todo o grande Império, vivia e governava o velho Imperador Francisco José. Talvez no mais profundo das nossas almas estivessem adormecidas essas certezas a que chamamos pressentimentos, em particular a certeza de que o velho Imperador estava a morrer, e com ele a monarquia, que representava já não apenas a nossa pátria, mas algo muito maior e abrangente: o nosso Império. Dos nossos corações pesados saíam leves gracejos. Da nossa sensação de estarmos consagrados à morte emanava um desejo louco de obter todas as confirmações da vida: nos bailes, no vinho e nas tabernas, nas mulheres e na comida, nos passeios de carruagem e nas folias de todo o tipo; nas ironias destrutivas e nas críticas veementes; no Prater, na roda-gigante e nos espectáculos de fantoches, nas mascaradas e nos bailados, nos jogos amorosos imprudentemente desenvolvidos em discretos camarotes de ópera, nas manobras em que nos perdíamos e até nessas doenças que, por vezes, o amor nos oferecia.

Neste contexto, será fácil compreender o quanto me agradara a inesperada visita do meu primo. Nenhum dos meus frívolos amigos se poderia gabar de ter um primo, uma corrente de relógio ou um colete como os meus, nem sequer uma relação tão estreita com a quase mítica localidade eslovena de Šipolje, terra do ainda não esquecido, mas já lendário, herói de Solferino.

Ao fim do dia, fui buscar o meu primo. Logo de início, causou grande impressão entre os meus amigos com o seu casaco brilhante. Depois falou num alemão incompreensível, riu muito com todos os seus dentes fortes e brancos, permitiu que lhe pagássemos bebidas, prometeu comprar novos coletes e correntes para os meus amigos, na Eslovénia, e aceitou de bom grado os pagamentos adiantados. Todos me invejaram o colete, o relógio e a corrente. Se pudessem, ter-me-iam alegremente comprado o primo inteiro, os meus parentes e a minha Šipolje.

Joseph Branco prometeu regressar no Outono. Todos o acompanhámos à estação de comboios, onde lhe comprei um bilhete de segunda classe. Ele aceitou-o, dirigiu-se à bilheteira e conseguiu trocá-lo por um de terceira classe. Dali, despediu-se de nós, acenando-nos com a mão. Ficámos de coração partido quando o comboio começou a andar. Éramos tão dados à melancolia como à avidez do prazer.

V

Continuámos a falar sobre o meu primo Joseph Branco durante os dois dias seguintes. Depois esquecemo-nos dele, ou melhor, pusemo-lo temporariamente de lado, porque tínhamos outras excentricidades mais prementes para comentar e celebrar.

Foi já perto do fim do Verão, por volta do dia 20 de Agosto, que recebi uma carta em esloveno, e nessa mesma noite traduzi-a para os meus amigos. Nela, Joseph Branco descrevia a festa de celebração do aniversário do Imperador, promovida em Šipolje pela Associação de Veteranos. O meu primo era um reservista demasiado novo para pertencer à Associação, mas desfilara ao lado dos seus membros até à clareira no bosque onde todos os anos, no dia 18 de Agosto, organizavam uma grande festa popular. Desfilara com eles simplesmente porque nenhum dos velhos veteranos tinha força suficiente para levar o timbale. Havia cinco cornetas e três clarinetes. Mas o que é uma banda marcial sem um timbale?

– Estes Eslovenos são estranhos – disse o jovem Festetics. – Os Húngaros privam-nos dos seus direitos nacionais mais básicos e eles retaliam, e até se revoltam de vez em quando, ou ameaçam revoltar-se, mas não deixam de celebrar o aniversário do Imperador.

– Nesta monarquia, nada é estranho – contestou o conde Chojnicki, o mais velho do grupo e também o mais propenso ao uso de expressões fortes. – Sem os imbecis do nosso governo, estou certo de que tudo seria completamente normal, mesmo visto de fora. Quero com isto dizer que, em relação à Áustria-Hungria, o que se considera peculiar é perfeitamente natural. Só nessa Europa louca de Estados-nação e de nacionalismos o natural parece estranho. É claro que são os Eslovenos, os Polacos e os Rutenos da Galícia, os judeus de cafetã de Borislav, os comerciantes de cavalos de Bačka, os maometanos de Sarajevo e os vendedores de castanhas de Mostar

quem canta «Deus salve o Imperador»; enquanto os estudantes alemães de Brünn e Eger, os dentistas, os boticários, os aprendizes de barbeiro, os fotógrafos de Linz, Graz e Knittelfeld e os cretinos dos vales alpinos cantam o hino germânico *Die Wacht am Rhein*. Meus senhores, tal tendência nibelunga destruirá a Áustria! A essência da Áustria não se encontra no centro, mas na periferia. Não encontraremos a Áustria nos Alpes, onde há certamente camurças e flores de edelvaiss e gencianas, mas nem sombra da águia bicéfala. A essência da Áustria está nas Terras da Coroa, onde continua a ser fortalecida.

O barão Kovacs, um jovem militar da nobreza húngara, encaixou o monóculo, como era hábito sempre que acreditava ter algo importante para dizer. Quando começou a falar, recorreu ao alemão duro e melodioso dos Húngaros, não tanto por necessidade como por sinal de orgulho dissidente, e o seu estranho rosto, que fazia lembrar um pão cuja massa não crescera, enrubescou violentamente.

– Os Húngaros são os que mais sofrem com esta monarquia dual – disse ele, numa declaração de fé, expressa em palavras definitivas.

Kovacs aborrecia-nos a todos e exasperava Chojnicki, o mais velho e temperamental do nosso grupo, cuja resposta não tardou. Como de costume, Chojnicki repetiu:

– Os Húngaros, querido Kovacs, oprimem nada menos do que os seguintes povos: Eslovacos, Romanos, Croatas, Sérvios, Rutenos, Bósnios, Suabos de Bačka e Saxões da Transilvânia.

E ia contando os povos pelos dedos das suas belas mãos, elegantes e fortes.

Kovacs pousou o monóculo sobre a mesa. Não pareceu atingido pelas palavras de Chojnicki. Como sempre, terá pensado: «Eu sei.» Por vezes, chegava mesmo a dizê-lo em voz alta.

Era inofensivo, até mesmo bom rapaz, mas eu não o conseguia suportar. Por mais que me esforçasse, era incapaz de simpatizar com ele e acabava por sofrer com isso. Havia, porém, uma explicação para tal animosidade e sofrimento: apaixonara-me pela irmã de Kovacs, uma jovem de 19 anos chamada Elisabeth.

Durante muito tempo, combati em vão esse amor, não propriamente por me sentir dominado, mas sobretudo por temer a chacota silenciosa dos meus cépticos amigos. Naquela altura, nas vésperas

da Grande Guerra, estava em voga uma certa altivez irônica, um reconhecimento pretensioso da famosa *decadência*, um cansaço tão exagerado como fingido, um tédio sem razão aparente. Vivi os melhores anos da minha vida nesta atmosfera – uma atmosfera em que não havia lugar para os sentimentos e as paixões estavam absolutamente proibidas. Os meus amigos mantinham pequenas «ligações» com mulheres que deixavam e, muitas vezes, apresentavam como se fossem sobretudos, mulheres que eram esquecidas como um guarda-chuva ou abandonadas intencionalmente como um embrulho aberto a cujo conteúdo não queremos voltar por receio de ficarmos presos nele. No círculo em que me movia, o amor era considerado uma aberração, um noivado era visto como uma espécie de apoplexia e o matrimônio não passava de uma enfermidade. Éramos jovens e pensávamos no casamento como uma consequência inevitável da vida, mas semelhante a uma esclerose que provavelmente nos surgiria dali por vinte ou trinta anos. No meu caso, já tivera várias oportunidades para ficar a sós com a jovem, embora naquele tempo não fosse ainda normal que as senhoritas permanecessem mais de uma hora na companhia de rapazes, sem um pretexto legítimo. Contudo, só aproveitara algumas destas oportunidades, uma vez que não queria ficar fragilizado diante dos meus amigos. Tentava a todo o custo esconder deles os meus sentimentos e temia amiúde que, por me ter distraído numa qualquer circunstância, já alguém do meu círculo soubesse alguma coisa a este respeito. Quando me juntava de forma inesperada a um grupo de amigos, o súbito silêncio que neles provocava fazia-me deduzir que estavam a falar sobre o meu amor por Elisabeth Kovacs, e ficava tão aflito como se me tivessem apanhado em falta, como se tivessem descoberto em mim alguma debilidade intolerável e secreta.

Por outro lado, nas poucas horas que passava sozinho com Elisabeth, dava-me conta de quão ridícula e fútil era a chacota dos meus amigos, bem como o cepticismo e a altiva atitude de «decadência» que exibiam. Mas, ao mesmo tempo, sentia uma espécie de remorso, como se estivesse a trair os princípios sagrados da nossa camaradagem, levando de certo modo uma vida dupla. E esta sensação deixava-me também muito incomodado.

Elisabeth era então bela, doce e carinhosa. Não me restavam dúvidas de que estava interessada em mim, e todas as suas acções, todos os seus gestos, mesmo os mais insignificantes, me comoviam profundamente: os movimentos das mãos, os acenos de cabeça, o balanço dos pés, a forma de alisar a saia, o ligeiro levantar do véu para levar os lábios à xícara de café, a flor presa casualmente no vestido, a maneira de tirar uma luva – tudo isto parecia transportar uma mensagem cujo destinatário era eu, e só eu. Com efeito, certas demonstrações consideradas «avanços ousados» naquela época, como a ternura com que me olhava ou o contacto aparentemente involuntário e fortuito com a minha mão ou com o meu ombro, faziam-me supor, com certa razão, estar perante promessas tácitas, promessas de maiores e mais encantadoras ternuras à minha espera, se eu assim as desejasse, tão certas como uma festa marcada no calendário. Elisabeth possuía uma voz profunda e suave. (Não consigo suportar as vozes de mulher agudas e estridentes.) A sua forma de falar era semelhante a uma espécie de arrulho contido e manso, ofegante e, ao mesmo tempo, cálido, um murmúrio de fontes subterrâneas, um som de comboios distantes que se ouvem em algumas noites de insónia. A mais banal das suas palavras, graças a esse timbre profundo com que as pronunciava, convertia-se para mim numa força transbordante e cheia de significado, embora não imediatamente inteligível, convertia-se numa espécie de língua original já desaparecida, talvez apenas intuída em sonhos.

Quando não estava com Elisabeth, voltava à companhia dos meus amigos e, de início, ficava tentado a falar-lhes dela, a fazê-los mesmo suspirar por ela. Mas os seus rostos cansados, desanimados e cínicos, bem como o notório hábito de tudo ridicularizarem, do qual receava ser vítima, embora nele me sentisse igualmente impelido a participar, faziam-me cair num pudor silencioso e, passados alguns instantes, voltava a identificar-me com aquela «decadência» ufana de quem todos éramos filhos perdidos e orgulhosos.

Deste modo, dei por mim numa encruzilhada, sem saber em que direcção seguir. Durante algum tempo, pensei desabafar com a minha mãe, mas, sendo eu ainda jovem, acabei por concluir que ela não seria capaz de entender as minhas preocupações. A relação

que mantinha com a minha mãe não era autêntica e espontânea, aproximando-se mais de uma pobre tentativa de imitar a relação que os homens jovens costumavam ter com as suas mães. Aos nossos olhos, elas não eram realmente mães, mas uma espécie de viveiro humano onde nascêramos ou, no melhor dos casos, de paisagem familiar em que, por acaso, chegáramos ao mundo e da qual guardávamos apenas uma boa recordação ou emoção. Não obstante, eu sentia uma reverência quase sagrada pela minha mãe, embora optasse por reprimir esse sentimento. Todos os dias, ao almoço, sentávamo-nos tranquilamente diante um do outro à grande mesa da espaçosa sala de jantar. O lugar do meu falecido pai ficava desocupado na cabeceira da mesa e, todos os dias, segundo as instruções da minha mãe, eram colocados talheres e um prato vazio para aquele que jamais regressaria. Poder-se-ia dizer que a minha mãe se sentava à direita do morto e eu à esquerda. Ela bebia moscatel dourado e eu meia garrafa de *Vöslauer*. Este vinho não me agradava muito, e um Borgonha teria sido uma escolha mais ao meu gosto, mas a minha mãe assim o determinara. O nosso velho criado Jacques servia-nos com as suas mãos trémulas enfiadas em luvas brancas como a neve, e quase da mesma brancura eram os seus cabelos. A minha mãe comia pouco e rapidamente, mas com dignidade. De cada vez que eu levantava os olhos para a observar, ela baixava os seus para o prato, ainda que, segundos antes, eu os tivesse sentido fixados em mim. Tornava-se então claro que ela tinha muitas perguntas para me fazer, mas que as reprimia para se poupar à vergonha de ser enganada pelo filho, pelo seu único filho. E logo dobrava cuidadosamente o guardanapo. Eram os únicos momentos em que podia contemplar livremente o seu rosto, já um pouco flácido, com as bochechas caídas e as pálpebras enrugadas e pesadas. Observava-lhe o regaço, sobre o qual dobrava o guardanapo, e pensava com devoção, mas também com autocensura, que ali se originara a minha vida, naquele morno regaço, a parte mais maternal da minha mãe, e admirava-me de poder ficar sentado em frente dela tão mudo, teimoso e formal, e de também ela, minha mãe, não encontrar uma palavra para me dizer, tão claramente intimidada pelo seu filho já crescido, talvez demasiado depressa, da mesma forma que eu me sentia intimidado

por ela, a mulher que me havia dado a vida, envelhecida rapidamente. Como teria gostado de lhe falar da minha encruzilhada, da minha vida dupla, de Elisabeth e dos meus amigos! Mas era evidente que ela nada queria ouvir a respeito de tudo isto, não queria ver confirmadas as suas suspeitas, para não ter de censurar em voz alta o que em silêncio desaprovava. Talvez também ela tivesse obedecido àquela lei cruel e eterna da natureza que obriga os filhos a esquecer em pouco tempo a sua origem, a olhar as mães como velhas senhoras, a não se lembrarem do peito onde encontraram o primeiro alimento, uma lei perseverante que obriga também as mães a ver como crescem sem parar os frutos dos seus ventres e se vão tornando cada vez mais estranhos, inicialmente consumidas pelo sofrimento, depois desgastadas pela amargura e, por fim, já entregues ao desapego. Parecia-me que a minha mãe falava tão pouco comigo porque não me queria dizer coisas que dessem origem a rancores. Se eu me tivesse atrevido a falar-lhe de Elisabeth, do meu amor por aquela jovem, tê-la-ia provavelmente humilhado, bem como me teria humilhado a mim mesmo. Por várias vezes, quisera de facto conversar com ela sobre o meu amor, mas logo me recordava dos meus amigos e da relação deles com as suas próprias mães. Tinha a sensação infantil de me poder trair numa confissão, como se ocultar algo da minha mãe não fosse em si mesmo uma traição a mim e a ela. Quando os meus amigos falavam das suas mães, sentia-me triplamente envergonhado: pelos meus amigos, pela minha mãe e por mim. Falavam delas quase da mesma forma que comentavam as suas «ligações» suspensas ou abandonadas, como se fossem amantes precocemente envelhecidas ou, pior ainda, como se as suas mães fossem indignas deles.

Eram, portanto, os meus amigos quem me impedia de obedecer aos apelos da natureza e do senso comum, no sentido de dar rédea solta tanto aos meus sentimentos por Elisabeth como ao meu amor filial pela minha mãe.

Mas não demoraria muito a tornar-se evidente que estes pecados que os meus amigos e eu carregávamos nas nossas almas não eram pecados pessoais, mas apenas os sinais, ainda fracos e quase imperceptíveis, da devastação vindoura que descreverei adiante.

Franz Ferdinand leva os seus dias numa indolência despreocupada como tantos outros jovens abastados, vivendo maioritariamente de noite nos cafés, entre amigos e álcool, entregue aos caprichos cosmopolitas de uma opulenta Viena do início do século xx, capital do ainda Império Austro-Húngaro. Após a morte de seu pai, surge na sua vida Joseph Branco, um primo camponês de espírito nómada e livre, que fascina de imediato o jovem cidadão. Com o eclodir da Primeira Guerra Mundial, no entanto, os anos felizes terminam abruptamente. Franz Ferdinand atravessará os horrores da guerra e as humilhações da derrota como uma testemunha silenciosa, antevendo no meio das ruínas o nascer de uma nova ordem social, mesquinha e cruel.

Romance que retoma e conclui a história iniciada em *A Marcha de Radetzky*, e último livro que Joseph Roth publica em vida, *A Cripta dos Capuchinhos* é o relato evocativo e sentido de um mundo perdido, através dos olhos de um homem que luta por compreender qual o seu lugar numa sociedade em que se começam a sentir os primeiros ecos do barbarismo nazi.

«É raro encontrar um realismo tão luminoso
e uma clareza narrativa tão intrincadamente ligada
a um temperamento poético.»

London Review of Books

«Roth foi um mestre do quixotesco
e da melancolia no século xx.»

Publishers Weekly

ISBN 978-989-668-752-6
9 789896 687526



cavalo de ferro